

O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Josuel dos Santos¹

Resumo: O trabalho intitulado como o ensino da variação linguística no ensino fundamental tem como objetivo retratar como está sendo explorada a questão do ensino da variação linguística pelos professores. Sabe-se que o ensino da variação ainda não é muito explorado, e que muitos professores de Língua Portuguesa ainda utilizam a gramática normativa como o ponto específico para o ensino da língua, não abordam questões importantes e compreensivas, de que a língua varia e com ela varia a oralidade e a escrita, de que não existe forma certa ou errada de se falar, que existem diferentes formas de dizer a mesma coisa, pois o Brasil é um país de uma vasta diversidade cultural, como diverso a língua faz parte dessa variedade.

Palavras-chave: Variação linguística, Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Cultural.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais - PCNs (BRASIL, 1998) “a Língua Portuguesa é uma unidade composta por muitas variedades”, sendo assim, o mesmo propõe uma política de ensino voltada a essa variedade. Essa proposta se dá pela tentativa de aproximar o modo do qual se fala em uma determinada sociedade com a linguagem tradicional, dita padrão.

O ensino da língua materna deve ser amplo, pois a mesma é composta pelo ensino da escrita, da gramática e da produção textual; a oralidade entra como um atributo, porque o aluno já é um sujeito oralizado e já sabe usar a língua nas mais variadas vertentes sociais.

O objetivo desse artigo é realizar uma investigação teórica acerca do ensino da variedade linguística a fim de contribuir para o ensino da língua materna, que se encontra mais direcionado ao estudo da gramática normativa. Além disso, propor ensino da variação linguística no ensino fundamental.

Tendo como pressuposto teórico-metodológico as propostas de Coan; Freitag (2010) que inferem em seu trabalho uma descrição sobre a variação linguística e o ensino da mesma na sala de aula. É mencionada, também, a proposta de Antunes (2003) que sugere um ensino de língua materna mais interacional. Além disso, há inferência ao trabalho de Possenti (1996), o qual apresenta a gramática descritiva. Essa será colocada neste trabalho como um

¹ Graduando em Letras Licenciatura Português pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: josuelsantos2009@uol.com.br

ponto específico para o ensino de língua. No entanto, não será excluída a hipótese do ensino-aprendizado da gramática normativa.

Têm-se como hipóteses: como será que os professores de Língua Portuguesa utilizam a variedade na escola? E, como ensinam a gramática normativa e a variação linguística, sendo ambas contraditórias?

Por fim, este trabalho busca auxiliar no ensino na sala de aula. Direcionando aos professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental. Incentivando o ensino da variação linguística e propondo um ensino menos concentrado na gramática normativa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Sobre o ensino da língua materna Antunes (2003) afirma que a aula de português deve ser uma aula de interação, ação entre outros. A interação dá-se pelo aluno junto de seu professor, essa ação diz respeito ao modo do qual o professor interagem com seu aluno na sala de aula para assim produzir ensino e construir sentido. O professor dotado de saber irá refletir no aluno o seu conhecimento, conhecimento sobre a linguagem e sobre seu uso nas diferentes instâncias sociais. Essas instâncias sociais são colocadas por Geraldi (2009) como a aprendizagem da língua por diferentes grupos sociais do qual o aluno participou ao longo de sua vida. Como exemplo das instâncias sociais da linguagem: o uso dela nos processos interlocutivos, pois antes da criança ir à escola, ela já tinha uma linguagem pronta e definida, isto é, a criança já tinha um conhecimento prévio acerca da linguagem e já conseguia compreender o que a sua comunidade falante, que vive ao seu redor, fala.

Possenti (1996, p. 88) sugere que:

[...] só um bom programa de leitura pode produzir a exposição necessária ao aprendizado ativo. O aluno aprendeu o dialeto com o qual tomou contato falando e ouvindo ativamente, na maior parte na própria família, algumas coisas com outras crianças da sua idade, outras com os marmanjos que lhe ensinam alguns dos segredos da vida, outras assistindo a programas de televisão. Seguindo o mesmo processo, vai aprender outras formas lendo, em especial aquelas que tipicamente estão apenas nos livros.

Com esse ponto de vista, a leitura seria um importante meio para o ensino na sala de aula. Sendo que, através dela o aluno irá conhecer e refletir sobre a escrita das palavras, percebendo que há diferenças sobre o uso dela na escrita. No entanto, o professor deverá dar suporte para que os alunos façam uso dos livros na escola, e, além disso, tenha conhecimento das variedades linguísticas existente na língua portuguesa que, há diferentes formas de se dizer a mesma coisa.

Com isso, o aluno poderá deixar de ter uma visão de que existe o certo e errado na língua, e que o seu uso é variado em diferentes regiões do Brasil. Os PCNs (BRASIL, 1998) abordam propostas para o ensino da variedade na escola e uma delas é: a transcrição de

textos orais retirados de vídeos, isso ajudará ao aluno identificar a variação existente na fala de diversas pessoas que falam o português brasileiro.

2.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DA VARIAÇÃO NA SALA DE AULA

2.2.1. SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Quanto ao aspecto teórico da variação linguística, a língua é vista como um fator de mudança. Coan; Freitag (2010, p. 175) posicionam que a variação linguística é como:

fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional.

Essa heterogeneidade refere-se à variação linguística. A variação, quando usada por diversas pessoas em diferentes lugares, pode ter o mesmo sentido, isto é, quando diferentes pessoas compartilham a mesma ideia através de dialetos distintos. Willian Labov *apud* Coan; Freitag (2010, p. 176) vai preconizar que “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem como variantes de uma mesma variável.” Pode-se afirmar que várias pessoas utilizam diferentes formas para dizer a mesma coisa, relacionando-se ao seu meio de comunicação social.

Nessa perspectiva, Willian Labov propôs estudos linguísticos direcionados à variação, surgindo assim um novo campo da linguagem - sociolinguística variacionista. Em seus estudos, Willian Labov realizou uma pesquisa, gravando a conversação espontânea de várias pessoas americanas. Assim, percebeu que elas utilizavam a língua de forma diferente. A partir disso, Willian Labov iniciou os seus estudos na sociolinguística variacionista.

A variação linguística pode ser influenciada por diversos fatores, sendo fatores linguísticos ou extralinguísticos, como sexo, idade, localização geográfica, posição social, etc. Além disso, existem diversos tipos de variação: diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica.

A Variação diacrônica foi utilizada pela primeira vez em 1916 pelo linguista estruturalista, Ferdinand Saussure. Esta se refere à mudança em relação ao tempo que a língua irá sofrer. Pode-se dizer que muitas expressões que eram utilizadas há uns tempos, hoje está em desuso. Por exemplo, o pronome pessoal vós o qual foi substituído pelo pronome vocês. Usa-se com mais frequência: vocês estudam pouco do que vós estudaís pouco.

A variação diatópica também conhecida como geolinguística trata-se de uma variação regional, marcada pelo sotaque ou prosódia. Esta designa a variação linguística que ocorre de uma região para outra. Como exemplo, temos algumas marcações no falar nordestino que, em algumas regiões, usam o pronome tu e em outras o pronome você para se referir a segunda pessoa do singular. Quanto ao sotaque prosódico, há variação da vogal

média posterior que, em posição pré-tônica, pode ser aberta [ɔ] ou fechada [o], por exemplo, [Kɔplemen'tar] ou [kõplemen'tar].

A variação diastrática ocorre tanto por questão cultural como social e rural/urbana. Algumas pessoas de posição social mais elevada tendem a usar a língua de forma diferente da que tem a posição social mais baixa. Isso pode acontecer também com pessoas que possuem escolaridade mais baixa. A variação, neste caso, influi num processo cultural. Coelho (2007) exemplifica com o dialeto carioca, de modo que, algumas pessoas do Rio de Janeiro costumam usar dona e outras pessoas Senhora. Sendo que, Dona é mais usado pelas pessoas de posição social mais baixa e senhora pelas pessoas de posição social mais elevada.

A variação diamésica leva em consideração o processo do *continuum* tipológico elaborado por Marcuschi. Essa variação refere-se à fala e escrita como processo discursivo. Marcuschi contesta que a fala e a escrita não são diferentes e nem idênticas, e sim próximas, isto é, a fala pode aproximar-se da escrita ou a escrita da fala.

A variação diafásica ocorre quando há monitoramento. Isso porque, essa variação acontece numa mesma situação de uso, mesma região, classe social, período, etc. Contudo, a variação, neste caso, ocorre no nível formal e informal, por exemplo, numa reunião uma pessoa tende a usar a língua de modo formal, mais monitorada, e em casa usará de modo informal, menos monitorada.

Vimos, portanto, que a língua é heterogênea, sendo heterogênea, ela está condicionada a diversos fatores, esses podem contribuir para a variação. Dentre esses fatores estão os linguísticos e os extralinguísticos.

2.2.2. O ENSINO DA VARIAÇÃO

Referi-se ao ensino da variação linguística, implica em referi-se ao modo do qual os professores a tratam na sala de aula. Pode-se dizer que muitos professores encontram-se inseguro para ensinar variação, pois não sabem como utilizá-la, e nem como relacioná-la com o ensino da gramática normativa. Pode ser complicado e confuso para os alunos porque a gramática normativa, utilizada pelos professores de Língua Portuguesa, se opõe a variedade. Com isso, o aluno, possivelmente, estaria aprendendo algo que contrapõe ao que o professor irá dizer. Portanto, o que fazer para ensinar gramática e variação? Quais métodos serão necessários para o ensino-aprendizagem de variação na escola?

Para propor um ensino da variedade linguística é necessário que o próprio aluno analise diferentes dialetos do português brasileiro, assim, o mesmo irá perceber que existe variação no falar do Brasil.

Possenti (1996, p. 88) coloca que:

[...]diante do domínio linguístico efetivo da língua que o aluno revela na escrita, ou dos problemas que manifesta em suas atividades de escrita,

deve-se aprender a comparar e/ou propor diversas possibilidades de construção. A proposta consiste em trabalhar os fatos da língua a partir da produção efetiva do aluno. Suponhamos que o aluno escreva numa de suas histórias uma frase simples do tipo "nós foi pescar". O que fazer? A partir das atitudes típicas de quem faz gramática descritiva, o trabalho em sala de aula implicaria em escrever essa sequência no quadro e discutir com os alunos quem a utiliza tipicamente, se, e em que condições, pode ser usada na escrita, se é ou não é adequada e, finalmente, quais são as maneiras alternativas de dizer "a mesma coisa". De uma discussão como essa, eu suponho, em primeiro lugar, que saiam pelo menos quatro construções:

- a) nós foi pescar;
- b) a gente foi pescar;
- c) a gente fomos pescar;
- c) nós fomos pescar.

Com isso, os alunos irão lembrar que em algum momento, eles já ouviram alguém falando algum do modo apresentado, e irão perceber como se dá a variedade linguística que está em diferentes lugares do país. Além disso, a proposta de comparar as variedades irá ajudar na compreensão da mudança do português brasileiro. Outra proposta interessante seria a de levar até os alunos gibis, tirinhas ou charges que retratem da variação.

Com base nisso, existem as histórias em quadrinho do Chico Bento do cartunista Maurício de Sousa que relata a história de um personagem do campo.

- Meu calo tá doendo! É sinar qui vai chovê!
- Mió vortá pra cama!
- Ara miorô!

Sousa, Maurício de. (2012). Turma da Mônica.

Bortoni-Ricardo (2004) *apud* Coan & Freitag (2011, p.190) “sugere que Chico Bento - personagem de Maurício de Sousa - poderia se transformar em um símbolo do multiculturalismo que deveria ser cultivado nas nossas salas de aula.” Portanto, poderia ser feita a observação da tirinha e fazer levantamento, sobre o dialeto utilizado, perguntar quem pronuncia desse modo e pegar dialeto parecido na região cujo moram os alunos.

Na tirinha, há expressões que marcam o dialeto caipira, palavras como: “mió”. “vorta” e “miorô”. Essas expressões são mais utilizadas pelos moradores do interior da região Sul. No entanto, elas estão presentes em todas as regiões brasileiras.

Nas expressões mió e miorô são possíveis identificar a vocalização da lateral palatal e na primeira há, ainda, o apagamento do arquifonema /R/. Na expressão vorta, identifica-se

o rotacismo, que é a troca do fonema /L/ por /R/. Esses usos são bastante comuns no dialeto das pessoas da zona rural, mas pode ser facilmente encontrado no dialeto dos falantes da zona urbana.

Essas tirinhas são encontradas em livros didáticos, portanto, cabe ao professor utilizá-las na sala de aula para o ensino-aprendizagem da variação linguística. (Coan; Freitag p.191, 2011)

É importante que o professor de Língua Portuguesa leve diversos materiais didáticos que se refiram à variação linguística, tendo em vista que os PCNs de Língua Portuguesa para o ensino fundamental discorra sobre o uso, a reflexão e o uso da língua. Além disso, é crucial o esclarecimento sobre os mitos existentes sobre a língua.

Com relação aos mitos, Bagno (2000) em seu livro (preconceito linguístico: o que é como se faz) esclarece listando cada mito descrito por ele. De acordo com o autor, existem mitos na língua que precisam ser esclarecido. Alguns deles são: não existe certo ou errado na língua, brasileiro não sabe português, português é muito difícil, existem lugares onde se fala melhor português, etc.

Assim, quando o aluno reconhecer que a fala dos brasileiros é diversificada, eles conseguiram, possivelmente, entender a variação linguística, ou seja, a variação chegará até ele de forma mais clara. Perceberam, portanto, que até as pessoas da zona urbana falam parecido ao personagem Chico Bento, que é demonstrado como um personagem da zona rural. As expressões utilizadas por ele estão presentes na conversação de muitos brasileiros, sendo da zona rural ou urbana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da variação na sala de aula deve ser debatido sem prescrições e sem preconceitos e, além disso, ensinar só gramática normativa nas aulas de Português não é suficiente para ensinar uma língua tão diversa. A aula de português, portanto, deve ser pautada e aberta para as mais variadas instâncias existentes na língua. Sendo assim, é necessário levar em conta a importância de ensinar variação, pois a escola como formadora de conhecimento, não pode deixar o aluno sem esclarecimento sobre a variação linguística.

O aluno do ensino fundamental já deve saber que a língua varia e que existem diversas formas de dizer a mesma coisa, pois ele pode sofrer preconceito linguístico, quando estiver em uma comunidade que fala diferente, sendo que, o aluno, conhecendo a variação linguística; pode-se dizer que, estará esclarecido sobre as diferentes formas do falar português brasileiro e, possivelmente, não sofrerá preconceito linguístico. Estando esclarecido sobre a variação linguística, saberá que não existe certo ou errado na língua que ela está em mudança. Quanto às propostas de ensino, elas devem ser levadas em consideração. Sendo que, o aluno poderá ouvir variação linguística na escola ou em casa – na televisão, diferentes pessoas de diferentes regiões do Brasil. Perpassar o conhecimento sobre variação ajudará ao aluno ainda mais a compreendê-la, sendo assim, ele estará

ouvindo diversas formas do falar brasileiro, tendo conhecimento de que essas são formas de se falar a qual caracterizam diversas regiões do Brasil.

Portanto, cabem aos professores ensinar variação linguística na escola, deixando a gramática normativa de lado, e partir mais para o ensino da gramática descritiva, descrevendo o uso da língua em situação real.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português, encontro e interação*. São Paulo, Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, com se faz*. 3. ed. São Paulo. Edições Layola, 2000.

_____. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo. Parábola Editorial. 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRAGA, Maria Luzia; MOLLICA, Maria Cecilia (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, DF. MEC/SEF, 1998.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Sociolinguística*. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, volume 1. 9 ed. rev: São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83.

COAN, Marlece; FREITAG, Raquel Meister Ko. *Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino*. Revista Eletrônica de Linguística. V. 4. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>> acesso em: 25 de abril de 2013.

COELHO, Paula Maria Cobucci R. *O tratamento da variação linguística nos livros didáticos*. Dissertação (Mestrado). UNB/DL - PPGL. Brasília. 2007.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: Exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP. Mercado de Letras. 2009.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP. Mercado de Letras, 1996.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo. Ática, 1994.